

# O BETAR

CONCEITOS BÁSICOS, PERSONALIDADES,  
SÍMBOLOS, OS DEZ PONTOS IDEOLÓGICOS E  
O NEDER.



BETAR BRASIL

# O BETAR

A CHOVERET INTRODUTÓRIA

## Equipe de produção e revisão

Beatriz Blank

Guilherme Rocha Jaffé

Juliana Katz

Theodor Aaron Fuchs

Yoav Sanz Strul

## Colaboração

Felipe Rosenberg Tebaldi

Judit Schorr

Marcelo Menasce Topfer

"Nos dois mil anos de dispersão, o povo judeu deixou de concentrar sua vontade coletiva em uma função primária e essencial; deixou de atuar como uma nação integrada e unida; ele se absteve de confrontar com armas as ameaças à sua existência; ele se acostumou a gritar e esqueceu a ação; a negligência se tornou a norma diária de sua vida, tanto privada quanto pública. **Por esse motivo, a educação do Betar ocorre como o escalar de uma montanha, e cada betarí levará muito tempo para atingir a meta estabelecida em suas maneiras e conduta. Porém, como o objetivo dele é alto e nobre, é um bom sinal para os betarím sempre lembrá-la, aspirando chegar ao seu destino, mesmo com passos lentos.**"

*Ze'ev Jabotinsky, em "A Ideologia do Betar".*

---

# O BETAR

## A CHOVERET INTRODUTÓRIA

*Choveret* originalmente compilada (a partir de materiais das décadas de 1990–2000 do Betar) para a *Machané Kaitz* de 2016 de Porto Alegre, editada em 2019 (com comentários e notas da *Choveret Machané Choref* 2005) e em 2020 (com trechos retirados do livro *The Political and Social Philosophy of Ze'ev Jabotinsky: Selected Writings*), incluindo, ainda, diversos novos conteúdos introduzidos a fim de se tornar uma **Choveret Introdutória** da ideologia betarí.



# CONCEITOS BÁSICOS

O nome Betar - בית"ר é o acrônimo, em hebraico, de *Brit Hanoar Halvri Al Shem Yossef Trumpeldor* - ברית הנוער העברי על שם יוסף תרומפלדור - ou Pacto de Jovens Judeus em Nome de Yossef Trumpeldor, em português. O Movimento Juvenil Judaico Sionista Betar foi criado em 1923 como o braço educativo do Sionismo Revisionista, porque Ze'ev Jabotinsky, seu principal ideólogo, via a juventude judaica como o agente ativo da realização do sonho sionista: a construção do Estado Judeu em *Eretz Israel*.

A nossa *tnuá* surgiu durante uma época de crise pela qual atravessava a *Histadrut HaTzionit HaOlamit* (Organização Sionista Mundial - הסתדרות הציונית עולמית), seguida pela criação do HaTzoar (*Brit HaTzionim HaRevizionistim* - Aliança dos Sionistas Revisionistas - ברית הציונים הרוויזיוניסטים), dois anos mais tarde, em Paris. Ambos os movimentos foram os primeiros a seguir os ideais de Jabotinsky. O Betar devia, antes de tudo, educar uma juventude fiel e disposta a se sacrificar por seu povo, transformando o lema de "Lar Nacional" em Estado Judeu. Jabotinsky, com seu olhar visionário, ressalta a personalidade de Eliezer Ben Yehuda, renovador do idioma hebraico, e os valores de Yossef Trumpeldor, caído na fortaleza de Tel Chai em defesa de nossa terra.

Em novembro de 1923, Jabotinsky visitou a cidade de Riga, na Letônia, para participar de um ciclo de palestras. Uma delas tinha como tema "O judaísmo e o militarismo", durante a qual clareava suas ideias sobre a criação de um grupo militar juvenil hebreu e a formação, para Israel (o futuro Estado Judeu), de um exército de defesa a partir do ativismo juvenil. Em 23 de dezembro de 1923, na sede do Centro Acadêmico *HaChashmonai* de Riga, reuniram-se os dez iniciadores dessa campanha: Aharon M. Gamzu, Aharon Zvi Propes (o primeiro *chanich* do Betar e organizador do encontro), Rav Arie Levin, I. Helstein, I. Sujaiev, M. Lisson, Moshé Yoelson, Natan Michlin, Moshé Gold e Yaakov Hoffman.



Cidade de Riga, capital da Letônia. Cidade em que a *tnuá* sionista revisionista Betar foi fundada.



Bandeira do Betar com as cores roxa e amarela.

Eles decidiram então criar um movimento juvenil que levasse adiante os ideais de Jabotinsky. O primeiro fundamento aceito foi: "A nova organização constitui o núcleo da Legião Judaica a ser criada".

O primeiro *garin* (grupo de) *aliá* formado por *betarím* se chamou *Menorá* e fundou um *moshav* (comunidade rural) perto da cidade de Petach Tikva. Nesse mesmo ano, no *maoz* (sede) de Riga, foi publicado o primeiro *iton* (jornal) do Betar, chamado *Kadima*. No Primeiro *Kinus Olamí* (Congresso Mundial) do Betar, em Danzig, na Polônia, em 1931, são aprovados os pontos ideológicos do Betar, cuja maioria continua vigente até hoje. Nesse mesmo ano, Jabotinsky foi eleito para o *tafkid* (cargo) de Rosh Betar, o qual se tornou exclusivo a ele logo após a sua morte. A partir desse momento, aquele que ocupa o cargo de comando máximo do Betar (em cada país) passou a ser chamado de *Rosh Hanagá*.



Ze'ev Jabotinsky - sentado, ao centro - com membros do Betar Riga, em 1923.



Aharon Zvi Propes, o primeiro chanich do Betar.



Ze'ev Jabotinsky discursando no Primeiro Kinus Olamí do Betar, em Danzig, na Polônia, em 1931.



Betarím participantes do Primeiro Kinus Olamí do Betar, em Danzig, na Polônia, em 1931.

Há várias formas de realização para um *betarí*: *hadrachá* (liderança como *madrich*), *Shnat Hachshará* (um ano de capacitação em Israel), *Nachal* (*shnat sherut* - ano de serviço) e assentamento. Para os *betarím* da *galut* (diáspora), inclui-se o ativismo sionista e a *aliá*. Esta é a realização máxima de um *betarí*.

O Betar tem três grandes mestres: Vladimir "Ze'ev" Jabotinsky (também conhecido por seu pseudônimo Altalena), Theodor Herzl (cujo nome em hebraico é Binyamin Ze'ev) e Yossef Trumpeldor (o leão de Tel Chai).



Valdimir Ze'ev Jabotinsky.



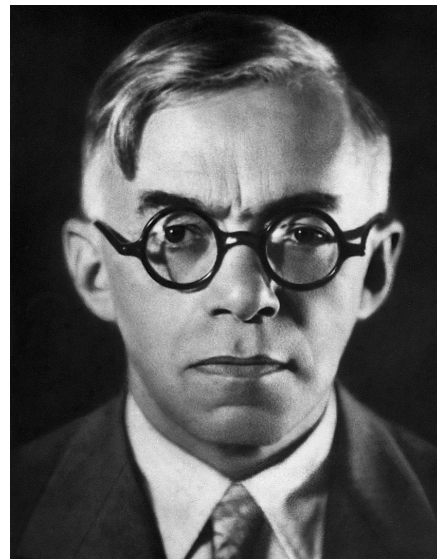
Binyamin Ze'ev (Theodor) Herzl.



Yossef Trumpeldor.

# VLADIMIR ZE'EV JABOTINSKY

Vladimir Ze'ev Jabotinsky, conhecido pelo pseudônimo "Altalena", nasceu em outubro de 1880, em Odessa, na Ucrânia, e é, sem dúvidas, o gigante de nossa *tnuá*. Possuía um gênio linguístico impressionante e adquiriu conhecimentos em russo, inglês, alemão, francês, italiano, latim, grego antigo e hebraico - o que lhe permitiu traduzir dezenas de obras e escrever inúmeras outras. Filósofo, político, ideólogo, jornalista e militar, segue sendo o pai de nosso movimento não somente por tudo o que conquistou, mas também porque suas ideias de forma íntegra seguem vigentes até os dias de hoje.



O próprio Jabotinsky relata, em suas escritas autobiográficas, que quando tinha sete anos perguntara a sua mãe "se os judeus também teriam um reino no futuro", ao que sua mãe respondeu "claro que haverá". Jabotinsky fechou seu relato dizendo que "desde então, não perguntei mais, sua palavra me bastava". Aos dezessete anos, traduziu ao russo o livro "O Corvo" de Edgar Allan Poe e começou a trabalhar no jornal *Odessa Lisktok*, sendo correspondente em Berna e, posteriormente, em Roma. Depois de sua infância na Rússia, viajou para Roma para estudar Direito, onde foi altamente influenciado pelo liberalismo italiano do final do século XIX. Dali continuou sua tarefa literária e jornalística escrevendo artigos com o pseudônimo de "Altalena".

Ze'ev teve sua epifania pessoal sobre a necessidade do povo judeu de ter sua própria nação soberana - por meio da ideologia sionista - após o *Pogrom de Kishinev*, em 1903. Com apenas vinte e dois anos, participou pela primeira vez do Congresso Sionista Mundial em sua 6ª edição, a qual foi a última de Herzl. Em 1908, após ter viajado pela Rússia criando centros sionistas a fim de barrar a assimilação, foi nomeado chefe da missão na Turquia.

Em 1909, visitou o futuro Estado de Israel - oportunidade em que aprofundou seus conhecimentos de hebraico, estudou os problemas da Palestina e começou uma campanha para a "hebraização" da diáspora, a qual tinha como principal objetivo a criação de universidades hebraicas na *galut*. No livro "A História da Legião Judaica", Jabotinsky defende a criação de uma unidade de combatentes judeus que lutasse ao lado dos aliados para se proteger, sendo a autodefesa judaica, sustentada por uma juventude hebraica armada, parte de sua essência filosófica. Esse projeto se tornou realidade em 1917, ao fundá-la, junto a Yossef Trumpeldor, como uma unidade integralmente judaica do exército britânico. Juntos, conquistaram o Vale do Jordão do domínio turco.



Em 1920, comandando um corpo de autodefesa judia - precursor da futura *Haganá* - contra ataques árabes em Jerusalém, foi condenado a quinze anos na prisão de *Akko*. Todavia, ao causar um enorme alarde na comunidade judaica, teve sua pena reduzida a um ano de prisão, da qual foi libertado após apenas quatro meses. No mesmo ano, tornou-se um dos fundadores do *Keren Hayesod* (Fundo Comunitário - קרן היסוד).

Ao discordar de pontos fundamentais das então existentes correntes sionistas e de suas visões para o futuro Estado Judeu, decidiu desenvolver uma nova filosofia, que ficou conhecida como Sionismo Revisionista, cujo principal lema era "Um Estado Judeu, com maioria judaica em ambas as margens do [Rio] Jordão". Sua ideologia revisionista seria dividida, essencialmente, em três braços: o educativo (o *Betar*, fundado em Riga em 1923), o braço político (*HaTzohar*, fundado em Paris em 1925) e o braço militar (o *Irgun Tzvai Leumi*, fundado em *Eretz Israel* em 1931).

Em 1935, a Organização Sionista Mundial emitiu uma ordem proibindo seus membros de conduzirem atividades políticas independentes. Jabotinsky então se demitiu do executivo sionista e, no mesmo ano, formou a *HaHistadrut Tzionit Chadasha* (Nova Organização Sionista - הסתדרות ציונית חדשה), também conhecida por seu acrônimo em hebraico *Hatzach* - הצ"ח). Em seu evento de fundação, em Viena, votaram 713,000 participantes de trinta e dois países, os quais elegeram Jabotinsky como seu presidente.

Já em seu apogeu intelectual, consolidou o lema "todo indivíduo é um rei", representando os conceitos de igualdade universal e liberdade individual. Na mesma década, Jabotinsky profetizou a restrição dos direitos individuais e um possível assassinato em massa dos judeus na Europa, conforme eternizado em sua famosa frase: "Elimine a diáspora, ou a diáspora certamente irá eliminá-lo". A fim de evitá-los, apresentou um plano de fuga para 1,5 milhão deles, o qual foi desencorajado e boicotado pela liderança judaica da época, e começou a organizar ondas de imigração ilegal (העפלות - *ha'apalot*).

Em 1936, passou a ter controle total do *Etzel* - אצ"ל (*Halrgun HaTzvai HaLeumi BeEretz Israel* - Organização Militar Nacional em *Eretz Israel* - הארגון הצבאי הלאומי בארץ - ישראל), um grupo paramilitar de autodefesa e de resistência à presença britânica.



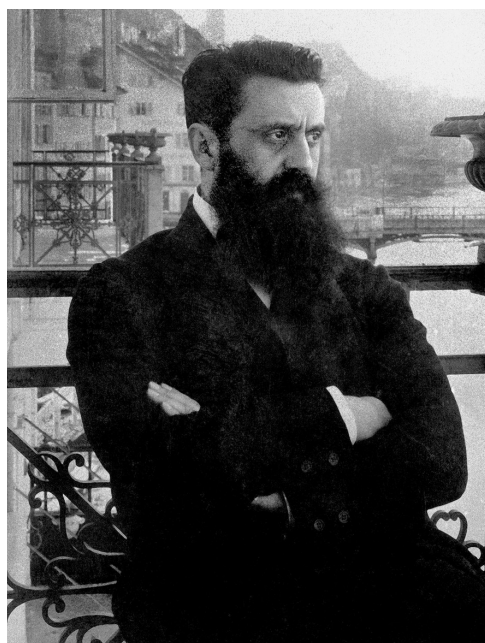
Cartaz dando as boas-vindas a Zeev Jabotinsky em Eretz Israel, enfatizando sua criação: a Legião Judaica.

Durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu o livro “A Guerra e o Judeu”, propagando a luta contra os nazistas e a sua preocupação em relação à situação dos judeus na *galut*.

Em 1940, durante uma viagem aos Estados Unidos a fim de buscar apoio para a criação de um batalhão judaico que lutaria ao lado dos Aliados na guerra, visitou uma *machané* do Betar em Nova York, durante a qual faleceu em sua terceira noite. Por esse motivo, até hoje, os *betarím* costumam, em suas *machanot* (acampamentos), realizar um *misdar* (comumente feito com fogo) e ler a *Pekudat Evel* (ordem de luto) escrita por David Raziel, ex-comandante do *Etzel*.

## THEODOR HERZL

Binyamin Ze'ev (Theodor) Herzl nasceu em Budapeste, na Hungria, em 2 de maio de 1860, e recebeu uma educação fortemente influenciada pela *haskalá* – o iluminismo judaico. Em 1878, mudou-se com sua família para Viena e lá, seis anos depois, formou-se na Faculdade de Direito da universidade da capital austríaca. Logo tentou se estabelecer em Salzburgo, onde pretendia seguir a carreira de magistrado, mas, por ser judeu, teve o pedido rejeitado pelas autoridades. Decidiu então se dedicar à literatura e ao jornalismo. Nesse momento, Herzl não poderia imaginar que tal mudança de carreira moldaria sua vida e o destino dos judeus dali para frente.



Em 1894, como correspondente em Paris do periódico *Neue Freie Presse*, Herzl acompanhou o caso do Capitão Alfred Dreyfus, um oficial judeu do exército francês, o qual foi injustamente acusado de traição, principalmente por causa da atmosfera antissemita prevalecente. Ali, testemunhou multidões gritando “morte aos judeus” e concluiu que se isso acontecia na França, o lar da Revolução Francesa, então o antissemitismo era, de fato, um fator estável e imutável da sociedade contemporânea, algo que a assimilação jamais resolveria. Sua solução: a imigração em massa de judeus para uma terra que eles poderiam chamar de sua.

Dessa forma, nos dez anos que se seguiram, Herzl dedicou todos os seus esforços para a questão judaica, desenvolvendo a filosofia que ficou conhecida como Sionismo Político. Nem mesmo passados dois anos do Caso Dreyfus, refletindo sobre a ideia da soberania judaica, publicou – apesar da ridicularização por parte dos líderes judeus – *Der Judenstaat* (O Estado Judeu), em que discorreu detalhadamente sobre sua visão para o lar nacional judaico.

Herzl propôs um programa de coleta de fundos entre os judeus espalhados pelo mundo, para uma instituição que trabalharia para assentá-los em *Eretz Israel* (por meio da compra de terras) e lá assegurar a criação de um Estado. Assim, foi fundada a Organização Sionista Mundial que, em agosto de 1897, faria seu primeiro congresso na cidade da Basileia, na Suíça, e da qual Herzl seria o primeiro presidente. Esse seu entusiasmo ao lutar pelo sonho sionista o eternizou, anos mais tarde, como o pai do sionismo.

Depois do primeiro, Herzl convocou outros cinco entre 1898 e 1903. O Segundo Congresso Sionista, também na Basileia, foi destinado a questões práticas e financeiras do movimento. O terceiro caracterizou-se por apresentar diferenças ideológicas: enquanto os sionistas práticos aconselhavam a imigração imediata, os "espiritualistas", como Ahad Haam, estavam satisfeitos com a criação de um centro espiritual na Terra Prometida. Sua quarta edição, em 1900, em Londres, resultou no aumento do interesse britânico pela causa sionista. O congresso seguinte, por sua vez, reunido novamente na Basileia, consolidou a criação do Banco Colonial e do *Keren Kayemet Lelsrael* (KKL), o qual foi fundado, em 1901, para comprar e desenvolver terras para o assentamento judaico. No ano seguinte, Herzl publicou seu segundolivro, *Altneuland* ("Velha Nova Pátria"), uma novela visionária que descrevia a vida no futuro estado judaico a ser criado em *Eretz Israel*.

A sexta edição do encontro sionista - o último de Herzl - ficou conhecido como o "Congresso de Uganda", pois a liderança sionista recebeu uma proposta de assentar os judeus em uma região da Uganda, na África. Essa ideia sofreu forte oposição, já que muitos diziam que traía os ideais do judaísmo e que Uganda não era *Tzion*. No entanto, ficou decidido que se mandaria uma missão para explorar a terra oferecida. Tal plano foi rejeitado no ano seguinte, já sem a presença de Herzl, quem, um dia antes de sua morte, disse ao reverendo William H. Hechler: "Saudai a Palestina por mim. Eu dei o sangue do meu coração pelo meu povo".

Ainda na Basileia, Theodor profetizou: "Se não for em cinco anos, certamente em cinquenta, os judeus terão seu próprio Estado". Sua profecia se concretizou em 1947, quando se votava a "Partilha da Palestina" e, pouco depois, quando a moderna *Medinat Israel* declarava sua independência. Faleceu em 1904, de uma doença vascular, como o estadista judeu que não teve a felicidade de conhecer (em vida) o país que idealizou. No entanto, desde 1949, seus restos mortais (até então em Viena) se encontram no cemitério dos heróis nacionais localizado no monte que leva seu nome, na capital israelense.

# YOSSEF TRUMPELDOR

Nossa *tnuá* leva seu nome por seu heroísmo hebreu e seu *Hadar*. Yossef Vladimirovich Trumpeldor nasceu em 21 de novembro de 1880, na cidade de Pyatigorsk, na Rússia. Seu pai, veterano do exército russo e exímio seguidor do judaísmo, apresentou-lhe, ainda quando criança, grandes histórias e feitos do povo judeu, como Bar Kochvá (na Fortaleza Betar) e Yehuda HaMacabi, formando seu caráter de lutador e pioneiro sionista.

Aos vinte anos, após ter conquistado seu diploma de dentista, foi chamado ao serviço militar, no qual, devido à rigorosa hierarquia, aperfeiçoou suas habilidades inatas de disciplina, bravura e comprometimento. Destacando-se



como excelente combatente por suas participações em operações perigosas, foi condecorado e transferido à “Divisão dos Caçadores”, na qual, audaciosamente, enfrentou seus superiores (em um episódio de antissemitismo claro) a fim de defender sua identidade judaica, demonstrando, assim, seu *Tagar* - a luta por seu povo.

Em 1904, durante o cerco de Port Arthur na guerra russo-japonesa, em meio a tiros de canhões e estilhaços, Yossef perdeu seu braço esquerdo, proferindo a frase “Não importa, agora a direita é mais importante.” (אין דבר - הימנית חשובה ממנה, originalmente). Mesmo com um membro a menos, seguiu lutando por sua pátria, sendo promovido a suboficial - cargo que judeu algum jamais ocupara no exército russo. Posteriormente, foi feito prisioneiro pelos japoneses, mas isso não o impediu de seguir atuando como líder. Durante seu período de, aproximadamente, um ano em cativeiro, fundou um centro sionista local para mais de quinhentos judeus, quando, pela primeira vez, estabeleceu contato com a Organização Sionista Mundial. Também atuou como professor de centenas de detentos e criou um sistema de ensino que permitiu aos soldados russos aprenderem a ler e a escrever.

Com a assinatura, em 1905, do Tratado de Portsmouth (que determinou o fim da guerra e, portanto, sua libertação), Trumpeldor foi condecorado oficial da reserva, sendo, novamente, o primeiro judeu a conseguir esse feito. Junto a alguns companheiros, foi a *Eretz Israel* por puro idealismo trabalhar nos *kibutzim*. Inicialmente trabalhou no *Kineret* e depois foi a *Degania*, onde recebeu grande destaque.

Yossef assistiu ao 11º Congresso Sionista, presidido em Viena, na Áustria, em 1913. No ano seguinte, após a proibição Turco-Otomana da permanência de judeus russos na Terra de Israel, partiu rumo a Alexandria. No Egito, encontrou Ze'ev Jabotinsky, e juntos idealizaram a Legião Judaica. Sozinho e sem o apoio do lobo revisionista, que posteriormente veio a se arrepender, criou o Corpo de Mulas de Sião (*Gdud Neaguei HaPradot* - גדוד נהגי הפרדות), a fim de lutar contra o Império Turco-Otomano para conquistar a independência de um Estado Judeu. Segundo Trumpeldor, quaisquer e todos os meios de luta levariam ao objetivo maior.

Após sua volta de Gallipoli e a criação da Legião Judaica em 1917, nosso herói volta à região da futura *Medinat Israel* e, tomando conhecimento da difícil e perigosa situação pela qual passavam os judeus da Alta Galileia, resolve ir a Tel Chai. Esta era alvo de inúmeros saques árabes, sendo povoada por homens, mulheres e crianças judias despreparados para resistir a qualquer tipo de ataque. Sendo assim, Trumpeldor logo assumiu a liderança - impulsionado por sua experiência militar e sua índole e coragem inabaláveis. Todavia, Yossef, diferentemente de sua chefia rígida e fortemente hierárquica do exército, liderava de forma comunitária, aceitando conselhos e trabalhando, lado a lado, com os outros habitantes.

Em 20 de março de 1920, após uma traição da parte árabe, a qual usou como pretexto "a necessidade de investigar se dentro de Tel Chai havia algum soldado francês foragido" para desarmar os habitantes, Trumpeldor e os remanescente judeus armados abriram fogo contra os invasores de forma valente e incansável. Na troca de tiros que se seguiu, nosso leão foi fatalmente ferido e, sem assistência médica, proferiu as imortalizadas palavras: "אין דבר - טוב למות בעד ארצנו." ("*Ein davar - tov lamut be'ad artzeinu*. - Não importa, é bom morrer pela nossa terra.").

Dessa forma, morreu o maior exemplo de *Hadar* e *Tagar* de todos os tempos, a personificação da concepção *jabotinskiana* do "novo judeu": orgulhoso de sua ancestralidade e defensor até o último suspiro de seus ideais. Em sua homenagem foi erguido - no extremo norte de Israel - o monumento do leão de Tel Chai.

# BAR KOCHVÁ

A antiga fortaleza de Betar simboliza a luta de Shimon Bar Kochvá: o líder da última revolução em *Eretz Israel* contra os romanos antes do grande exílio (que perdurou quase dois mil anos) do povo judeu de sua terra, sessenta e quatro anos depois da destruição do segundo *Beit HaMikdash* (Templo Sagrado), liderada pelo general Tito no ano 3830 da Criação (70 EC). Descumprindo suas promessas de reconstruir a cidade de Jerusalém e de reformar o Templo, o imperador Adriano decidiu erguer, sobre os destroços da capital judaica, uma cidade romana, com características pagãs, e renomeá-la Aelia Capitolina. Também mudou o nome da região para Síria-Palestina, em uma tentativa de apagar a identidade judaica da região. Nesse período, os judeus sofreram com as leis discriminatórias e não puderam seguir seus costumes. Além disso, também tinham que pagar altos impostos para os romanos.

Nesse ambiente, Shimon - cujo nome original era Simão Ben Kosiba, até receber o nome de guerra de Bar Kochvá, que quer dizer, em aramaico, "filho da estrela" - decidiu lutar contra os romanos. Naquela época, Roma era muito poderosa e dispunha de um exército grande e forte. Muitos judeus (assim como outros povos) temiam enfrentá-los e achavam que uma rebelião levaria a um massacre. Bar Kochvá e seus soldados, no entanto, eram muito destemidos e diziam que, mesmo que não tivessem certeza da vitória, não aceitariam a escravidão.

Ao lado de Bar Kochvá esteve Rabi Akiva, um grande estudioso da *Torá*. Os alunos de Rabi Akiva foram os soldados de Bar Kochvá, junto a muitos outros de toda *Eretz Israel* e da *galut*. Eles lutaram bravamente contra os romanos, recebendo ajuda dos habitantes das aldeias hebreias próximas. As forças romanas não conseguiram enfrentá-los. O exército de Bar Kochvá conquistou toda a Judeia e libertou Jerusalém - nossa capital eterna.

O período de independência e soberania durou somente três anos e meio, mas seu significativo impacto pôde ser observado pela utilização de uma moeda própria (o *shekel*), a qual serviu como grande símbolo ilustrador da autonomia judaica. A última batalha foi na Fortaleza Betar. Depois de um longo e amargo combate de ambos os lados, a cidade retornou às mãos dos romanos. Dessa forma, Bar Kochvá - também conhecido como "o Messias Guerreiro" - foi derrotado, mas sua luta e seu heroísmo foram um grande tesouro na nossa história, um exemplo para todas as futuras gerações.

# O QUE HÁ EM COMUM ENTRE A ANTIGA BETAR E TEL CHAI?

O nome Betar é a ligação entre dois personagens importantes em nossa história, duas fortalezas, dois episódios fundamentais para a nossa *tnuá*.

Conforme já sabemos, após a segunda destruição do *Beit HaMikdash*, a conquista da Fortaleza Betar (*Betar hanilkada* – Betar a conquistada, contada nos versos do *Shir Betar*) marca o início definitivo da segunda grande *galut*. Bar Kochvá liderou a última batalha antes do exílio. Yossef Trumpeldor liderou a primeira batalha após quase dois mil anos, em Tel Chai. Os dois simbolizam o heroísmo hebreu e a luta pelo desejo de “ser um povo livre em nossa terra, a terra de Sião e de Jerusalém”.

Sob essa concepção e com o intuito de educar a geração que levaria esse sonho a cabo é que o Movimento Juvenil Judaico Sionista Betar surgiu. Os *betarím* continuariam o caminho de Bar Kochvá e Trumpeldor (com heroísmo, sem medo, fazendo de tudo que fosse preciso) – lutando para libertar sua “velha nova pátria”, defender seu povo e declarar sua independência. A influência dessas ideias pode ser claramente observada nos princípios do legionismo e da mobilização dentro da ideologia *betarí*, que foram indispensáveis para a criação do novo tipo de judeu que deveria ser criado pelo Betar e pelo sionismo revisionista, o qual, por sua vez, foi descrito em um registro feito por Jabotinsky de um diálogo entre ele e Trumpeldor, em 1916, sobre o conceito de *chalutzit* (pioneirismo):

*- Pioneiro significa aquele que lidera o caminho – eu disse – Em que sentido? Trabalhadores?*

*- Não, é um conceito muito mais amplo. Obviamente, os trabalhadores também são necessários, mas não é o significado da palavra "chalutz". O que precisamos é de pessoas dispostas "a tudo", a tudo que for necessário para Eretz Israel. (...) Devemos criar uma geração livre de interesses e hábitos particulares. Simplesmente um lingote de ferro. Flexível, mas de ferro. Metal a partir do qual é possível forjar tudo o que for necessário para o maquinário nacional. Está faltando uma roda? Eu sou uma roda. Faltando um prego, um parafuso, uma roda motriz? Aqui estou eu. Você precisa cavar o chão? Eu vou cavar. É necessário atirar, ser um soldado? Eu sou um soldado. Polícia? Médico? Advogado? Professores? "Carregadores de água"? À sua disposição, eu faço tudo. Não tenho fisionomia, não há psicologia, sentimento, nem mesmo um nome: sou a pura ideia de serviço, pronto para qualquer coisa, não estou ligado a nada, conheço apenas um imperativo: construir.*

*- Não há pessoas assim – eu disse.*

*- Haverá.*

*Mais uma vez, eu estava errado, e ele estava certo. A primeira dessas pessoas estava sentada na minha frente. Foi assim: advogado, soldado, agricultor. Mesmo para Tel Chai, ele foi cuidar do trabalho da terra, encontrou sua morte por uma bala de fuzil e disse: "não é nada" – expirando em direção à imortalidade.*



Partes da muralha da fortaleza de Tel Chai.



Pátio histórico de Tel Chai.

## O CUMPRIMENTO TEL CHAI

**O que significa esse cumprimento?** Quando dois *betarím* se cumprimentam com Tel Chai, eles sabem que são irmãos, que têm o mesmo ideal, que são membros de uma *tnuá* que se uniu à luz do heroísmo da fortaleza de Tel Chai. Esse cumprimento une, reúne e personifica o espírito do Betar.

**Quando se cumprimenta?** Na entrada de um *betarí* no *maoz* ou em uma das instituições do Betar (e também em sua saída); no *misdar*, ao cumprimentar o *mefaked* (quem estiver comandando o *misdar*) e em cartas e comunicações institucionais do Betar.



A estátua de Tel Chai, o Leão de Yehudá. Memorial em homenagem a Vossef Trumpeldor, em Tel Chai.



# PONTOS IDEOLÓGICOS DO BETAR\*

\*A ideologia do Betar foi mantida assim como escrita por Jabotinsky em 1929. Foram sublinhados alguns trechos de destaque e adicionados alguns comentários (escritos em fonte menor e deslocados ou entre colchetes) para melhor entendimento do betarí. A tradução também conta com pouquíssimas modificações a fim de adaptar o texto ao português e atualizá-lo ao período atual. Os pontos escritos por Jabotinsky em 1929: 10. A Mulher no Betar; 11. Treinamento de Comércio; 13. Produtos Israelenses para a Diáspora; 14. O Socialismo Betarí (todos conforme numeração original) não serão tratados nesta choveret uma vez que não foram aprovados pelo Primeiro Kinus Olami (Congresso Mundial do Betar), ocorrido em 1931 na cidade de Danzig, na Polônia.

Em 1929, Jabotinsky escreveu um panfleto chamado רעיון בית"ר (*Raayon Betar* - "Ideia do Betar"), subtulado "Os Fundamentos de uma Perspectiva Betarí do Mundo". Seu intuito foi unificar os objetivos dos diferentes *maozim* do Betar que haviam se espalhado por toda a Europa, Estados Unidos, URSS e *Eretz Israel*.

## 1 - A MISSÃO DO BETAR

## 2 - O ESTADO JUDEU E DEMOCRÁTICO

## 3 - MAIORIA JUDAICA EM ERETZ ISRAEL

## 4 - O IDIOMA HEBRAICO

## 5 - MONISMO

## 6 - CONSCIÊNCIA SOCIAL (antes conhecido como "Luta de Classes")

## 7 - LEGIONISMO

## 8 - A DISCIPLINA BETARÍ

## 9 - HADAR

## 10 - MOBILIZAÇÃO

## 1) A MISSÃO DO BETAR

A missão do Betar parece ser muito simples, apesar de não ser: "criar aquele tipo de judeu que a nação necessita para a reconstrução do Estado. Isto é, criar um jovem normal e são, consciente das necessidades de seu povo". Precisamente, essa é a grande dificuldade, já que, na atualidade, o povo judeu da diáspora não é nem "normal" nem "são" e a vida da diáspora nos impede da formação desse ideal.

Nos dois mil anos de diáspora, o povo judeu perdeu sua capacidade de se mobilizar em conjunto - como uma unidade nacional - e de se defender nos momentos de perigo, habituando-se mais à confusão, à desordem, à desorganização do que à ação. Por isso, o Betar fixou como missão educar a juventude passo a passo, para que, posteriormente, possa ser o pilar do Estado Judeu.

A primeira palavra que deve ser associada com o Betar é: educação. Essa é a nossa missão e é isso que o Betar vem fazendo desde 1923 até hoje, em Riga, Jerusalém, Nova York ou Porto Alegre.

O Betar educa seus membros para "chegarem ao topo" - serem suas melhores versões de si mesmos - e para se sentirem orgulhosos de suas raízes judaicas.

## 2) O ESTADO JUDEU E DEMOCRÁTICO

O fundamento de nossa ideologia nos leva a uma só premissa: o Estado Judeu. No entanto, dessa premissa surge uma profunda concepção: que sentido tem a coexistência de distintas nações? O “sentido” consiste em que cada nação contribua com sua parte – impregnada em seu espírito – na construção da cultura geral da humanidade. Porém, essa parte não pode consistir apenas de ideias ou conselhos às demais nações, mas deve também ser um exemplo vivo. As ideias e os ideais devem cristalizar na realidade, expressar-se, não somente em livros, mas também em formas coletivas da vida nacional. Para isso, é necessário que cada povo possua seu “laboratório”, um território no qual possa ser o “amo” e possa modelar livremente sua vida coletiva de acordo a sua concepção de bem e mal. Um “laboratório”, assim, é o próprio Estado.

Por muito tempo, entre muitos judeus, existia a convicção de que o povo judeu deveria estar disperso entre a população mundial para melhor cumprir e disseminar sua missão. Acreditavam que, dessa maneira, poderiam incluir mais facilmente nossos ideais em outros povos, e eles se encarregariam de adicioná-los à sua vida coletiva.

Todavia, não se pode ensinar os demais apenas por meio de conselhos. O mundo só aprende com exemplos reais. A Inglaterra, por exemplo, introduziu no mundo uma importante ideia social: o autogoverno de cidadãos livres, ou seja, o governo parlamentarista. E o povo inglês ensinou, assim, as demais nações, fundando e desenvolvendo esse tipo de governo em seu próprio país – funcionando de exemplo e permitindo que o mundo aprendesse com eles.

Da mesma maneira, o povo francês cumpriu sua missão: ensinar o mundo sobre a liberdade, a igualdade e a fraternidade – no momento em que incorporou esses valores à sua própria sociedade durante a Revolução Francesa. O único caminho para ensinar a humanidade é através do exemplo, com ações, não apenas palavras. Faltam com a verdade aqueles que dizem que os sionistas deixaram de lado a missão do povo judeu para com o mundo. O que buscam é justamente o contrário: ensinar a humanidade muitas verdades, que ainda são desconhecidas, por meio do exemplo, por meio da criação do lar nacional judaico, a criação de *Medinat Israel*.

Jabotinsky foi um grande visionário. Em 1937, falou: "Elimine a diáspora, ou a diáspora certamente irá eliminá-lo!". Foi exatamente o que quase ocorreu, alguns anos depois, durante a *Shoá*, quando nosso povo quase desapareceu por conta das atrocidades nazistas e o mundo – salvo os "justos entre as nações" – nos deu as costas.

Jabotinsky fala que todo povo tem sua missão. Os judeus não são diferentes, mas para que possam contribuir para o crescimento da humanidade necessitam um Estado para sua nação. Sobre isso, Jabotinsky discorreu em um discurso em Varsóvia, em 1936<sup>1</sup>:

*Da mesma forma, dentro da minha alma, de maneira profunda, estão as raízes de ambas as filosofias. A primeira delas dirá: não há futuro para os judeus na Diáspora. A criatividade cultural dos judeus aqui é para o benefício alheio. Para eles devotamos o melhor das nossas energias em todas as esferas da ciência, da filosofia e da literatura. Tudo o que a Diáspora Judaica cria é creditado às nações nas quais os judeus vivem. Portanto, deixe-nos construir um oásis no deserto que será um 'laboratório' para criarmos nosso intelecto. Assim nós mostraremos ao mundo inteiro o que nós judeus podemos fazer; e o quão grande são nossas capacidades em todos os âmbitos de esforço. Até mesmo, e talvez principalmente, na criação de uma nova ordem social, uma de justiça e integridade. Deixe-nos espremer os judeus do mundo como o suco de um limão e derramá-los nesse oásis. No entanto, o limão em si vamos deixar para trás na diáspora!*

Cabe ressaltar aqui o compromisso de Jabotinsky e da nossa ideologia com a democracia, as liberdades individuais e a ética judaica: não é à toa que o nome do *Rosh Betar* se tornou a escolha mais popular para ruas e avenidas de *Medinat Israel*. O Betar acredita na democracia, que nada mais é que o equilíbrio da vontade da maioria com a devida asseguuração dos direitos das minorias. Isso deve ser combinado com o caráter judaico do estado sionista. Um exemplo evidente do desejo de igualdade civil no então futuro Estado Judeu encontra-se na obra "A Frente de Guerra Judia", de 1940, na qual é apresentada uma constituição em forma de rascunho para o lar sionista (escrita em 1934 pelos líderes do partido revisionista). Nela, lê-se:

*Para cada gabinete com um ministro judeu, o vice deve ser árabe e vice-versa. [...] 1. O hebraico e o árabe devem desfrutar de iguais direitos e validade legal. 2. Nenhuma lei, proclamação ou decreto; nenhuma moeda, nota ou estampa do Estado; nenhuma publicação ou inscrição produzida a partir de despesas do Estado deve ser válida senão executada igualmente em hebraico e árabe.*

Esses escritos são fruto da conclusão de que enquanto os árabes - ou quaisquer outras minorias étnicas, religiosas ou culturais - em *Medinat Israel* não puderem desfrutar de direitos e oportunidades iguais aos judeus, jamais seria possível uma prosperidade pacífica dentro da nação.

### **3) MAIORIA JUDAICA EM ERETZ ISRAEL**

Na realidade, o que quer dizer Estado Judeu? Em que momento poderemos afirmar que nosso país deixou de ser "Palestina" para se transformar no Estado Judeu? Somente no instante em que nosso país tenha mais judeus do que estrangeiros. O requisito essencial para a existência de um Estado Nacional é uma maioria nacional.

Durante muito tempo, não foram poucos os judeus, muito deles sionistas, que se negavam a compreender essa verdade elementar. Falavam que bastava criar na Palestina importantes posições (aldeias e cidades) e que, dessa maneira, já se poderia desenvolver uma vida nacional, mesmo que a maioria da população fosse estrangeira. Is-

-so é um erro. A história nos ensina que nenhuma posição nacional, por mais forte e importante que seja, pode ser considerada segura enquanto o povo em questão não constitua maioria nesse país. Assim, durante mais de quinhentos anos, os alemães criaram na Estônia e na Letônia uma rica cultura, mas permaneceram uma minoria. Hoje vemos as consequências.

Riga é agora uma cidade letona; a Universidade de Tartu é um centro de educação estoniano. A cultura grega floresceu na Ásia Menor por mais de três mil anos, mas, finalmente, a maioria turca não só arrasou toda a civilização grega, mas também a expulsou.

Uma minoria não pode estar segura de suas “posições culturais” enquanto domine a maioria local, como os lituanos e os estonianos. Em um país assim, é impossível implantar instituições livres e democráticas porque a maioria local dominará o parlamento e se transformará no “amo”. Riga se transformaria em cidade letona (ou Tel Aviv em cidade árabe) e a Universidade de Tartu em estoniana (ou a Universidade de Jerusalém em uma instituição árabe). Mais cedo ou mais tarde, cada país se transforma em “Estado Nacional” do povo que constitui a maioria.

Se queremos que a Palestina chegue a ser e então permaneça um país judeu, temos que ter uma maioria judaica. O primeiro princípio do sionismo consiste em criar uma maioria judaica na Palestina. Isso, no entanto, não quer dizer que esse é também o objetivo final do sionismo. Uma vez que formos maioria e governarmos com amplas bases democráticas, ainda teremos um objetivo: a criação de condições que permitam, a todo judeu que não queira ou não possa permanecer na diáspora, seu estabelecimento no Estado Judeu – lugar em que poderá encontrar seu sustento. Esses últimos serão com certeza milhões, enquanto para a criação da “maioria” será necessário um milhão e meio de imigrantes.

Então, surge a terceira etapa, talvez a mais importante de todas: fazer da Palestina a condutora do mundo civilizado, em cujos costumes e leis se inspire o mundo inteiro. "מציון תצא תורה - De Sião saíra a Lei". Para que o Estado Judeu seja realmente judeu, deve ter uma maioria judaica, pois, se não fosse assim, não poderia prevalecer nele a vontade do povo, e seríamos uma minoria exposta a ser, a qualquer momento, discriminada e privada de seus direitos. Por isso devemos lutar por um "Estado judeu, com maioria judaica em ambas as margens do Jordão" [do hebraico, *Shtei Guedot laYarden\**].

\*IMPORTANTE: quando a ideologia betarí fala sobre “ambas as margens do Jordão”, refere-se aos limites do antigo Mandato Britânico da Palestina, que foi designado por inteiro ao “Lar Nacional Judeu” (na Declaração Balfour, em 1917). Isso não quer dizer que a vontade do Betar hoje seja de conquistar o Reino da Jordânia, uma vez que este é um país independente desde 1947, com o qual Israel mantém relações pacíficas desde 1994. Nesse sentido, o conceito de “shtei guedot” permanece presente como um símbolo para o Betar de perseverança e de luta por nossos ideais e também em memória a todos aqueles que deram suas vidas por esse sonho.

O primeiro passo do sionismo é a imigração judaica para *Eretz Israel*, pois, no início do século XX, a maioria da população local era árabe. Quando houvesse uma maioria judaica, poderia enfim haver uma democracia judaica em *Eretz Israel*, assim como um Estado Judeu.

O segundo passo é chamado "Retorno a Israel", ou seja, levar os judeus que não querem mais viver na diáspora para Israel. Isso de fato aconteceu nas operações:

- *Kanfei Nesharim* (Asas de Águia), também conhecida como Tapete Mágico (1949-1950): trouxe judeus do Iêmen.

- *Ezra e Nehemia* (1950): trouxe judeus do Iraque.

- *Moshé* (1984); *Yehoshua* (1985); *Shlomo* (1991): trouxe judeus da Etiópia.

O último passo é tornar *Medinat Israel* uma "luz para os gentios, para abrir os olhos aos cegos, para libertar da prisão os cativos e para livrar do calabouço os que habitam na escuridão." [*Yeshayahu* 42:6,7].

Ainda sobre a questão da maioria judaica (e sua relação com as demais populações que viriam a fazer parte do Estado Judeu), Jabotinsky escreveu<sup>2</sup>:

*Só existe uma circunstância em que é uma tragédia constituir uma minoria: é o caso do povo que é apenas uma minoria, em todos os lugares e sempre uma minoria, dispersa entre raças estrangeiras, sem nenhum canto da terra que possa chamar de seu, e nenhuma casa para encontrar refúgio. Essa não é a posição dos árabes, com quatro países árabes a leste do Canal de Suez e cinco outros a oeste do Suez. Algumas dessas terras já são independentes, outras ainda não; mas, em cada um delas, não há dúvida qualquer de alguma maioria que não a árabe; cada uma delas já é um lar nacional árabe. [grifos do autor.]*

## 4) O IDIOMA HEBRAICO

O Betar reconhece o hebraico como a única e eterna língua do povo judeu. Na Palestina, deve se tornar a única língua da vida cotidiana; pelo menos, ser a língua do sistema educacional, começando no jardim de infância até o ensino médio (talvez até na universidade). Um jovem judeu que não sabe hebraico não é um judeu completo, mesmo sendo do Betar. Nós temos grande estima pelas outras línguas.

Nós admiramos o grande papel do iídiche na cultura judaica, com riqueza literária. Também admiramos o ladino, que, igualmente, é um remédio contra assimilação. Uma língua nacional, entretanto, é algo diferente e maior. Não pode ser uma língua herdada de outros povos. Muito importante é o fato que grandes obras da literatura dos nossos gênios nacionais não foram escritos em aramaico nem em iídiche. Uma língua nacional é algo que nasceu com a nação e acompanhou-a de uma forma ou outra durante toda sua existência. Tal língua é o nosso hebraico. Eu espero - sendo um homem esperançoso e tendo uma fé inabalável no Betar - que talvez chegue o dia em que o Betar terá um papel importante no renascimento da nossa língua: um papel que foi esquecido por todos.

Refiro-me ao papel que é o de salvar o belo tom e a precisa pronúncia do hebraico. Nossa língua está sendo revivida, mas sem aquela maravilhosa harmonia que possuía, como o francês ou o latim. Hoje, por outro lado, o hebraico é falado de forma vulgar, e seu sotaque parece de uma língua estrangeira e doente, mesmo em *Eretz Israel*. Esse também é o problema que pode ser classificado como "falta de *Hadar*" - falar a língua de qualquer maneira e sem cuidar pela beleza. É suficiente olhar atentamente para uma página da *Torá* com suas várias notas sobre a pronúncia para entender a paixão por riqueza de detalhes que poderiam ser encontrados no hebraico falado. Eu espero que o Betar novamente renove essa esquecida tradição da nossa língua nacional. E nossa língua nacional deve ser novamente o que costumava ser: um poema, uma sinfonia.

Ainda sobre a questão da importância do hebraico como ponto ideológico e, principalmente, como fator elementar para a formação integral de um betarí, Jabotinsky discorreu, em uma carta<sup>3</sup> escrita originalmente em inglês, dirigida aos membros do Betar Estados Unidos e publicada na revista "The Betar Monthly", em 20 de fevereiro de 1932:

*Nenhum betarí é um betarí completo até que tenha aprendido a falar hebraico. E depois que tiver aprendido a falar - que fale com todos capazes de entendê-lo; mesmo que lhe seja difícil no início, mesmo que gere algum desconforto ao seu redor. O objetivo do "betarismo" é lutar a batalha diária contra os obstáculos humanos, materiais e espirituais. Falar hebraico na diáspora é uma luta de cada instante acordado.*

## 5) MONISMO

Eis aqui a base essencial sobre a qual está fundada toda a ideologia do Betar: criar um Estado Judeu, com maioria judaica em ambas as margens do [Rio] Jordão. Um motivo de orgulho particular para o Betar - aquilo que constitui a diferença entre ele e os demais movimentos juvenis - é o monismo. O Betar é [composto por] uma geração que consagrou sua vida exclusivamente ao ideal de criar um Estado Judeu, e não reconheceu nenhum outro ideal.

Isso não quer dizer que o membro do Betar tenha que permanecer insensível a outros movimentos ideológicos, que entusiasma, em nossos tempos, tão importantes massas. Ao contrário, o membro do Betar deve ter uma inteligência desperta, um coração aberto. Deve ser um homem que respeite todas as aspirações de seus semelhantes, ainda mais se essas aspirações provêm de nossas fontes como, por exemplo, o pacifismo e a luta por justiça social. Ambas nascem na nossa própria *Torá*, e temos a firme esperança de que será o Estado Judeu que ensinará ao mundo o verdadeiro caminho para a paz eterna e a justiça social.

Mas, antes de tudo, o povo judeu deve construir seu Estado. Essa missão é tão complicada e difícil que necessita do esforço máximo de toda uma geração e, quem sabe, de mais outra geração. É por isso que a juventude judia deve se voltar exclusivamente a esse ideal. Todos os demais ideais, por mais maravilhosos e sublimes que sejam, não devem nos influenciar ao ponto de distrair nossas energias indispensáveis para a criação do Estado Judeu. No momento em que um deles começa a atrapalhar (mesmo que seja indiretamente), deve ser sacrificado, porque ideias podemos ter muitas e podemos respeitá-las, mas ideais não se pode ter mais do que um, e dele deve se afastar todas as outras ideias. "Ter dois ideais é como ter dois deuses."

Se só a um D'us se pode servir, também só se deve a um ideal. Todos os demais, por mais que gostemos deles, devem permanecer supérfluos e devem ser sacrificados no mesmo instante em que começam a prejudicar o objetivo principal. O monismo é o que distingue de maneira radical o Betar dos demais movimentos juvenis do sionismo. Eles, ao contrário, se caracterizam pela tendência de ter dois ideais. Sionismo e socialismo, por exemplo - e servem aos dois ao mesmo tempo. Isso cria um caos, tornando impossível uma concepção clara do sionismo e do Estado Judeu. Sendo sionistas, devem acreditar no fato de que o capital privado trará vantagens para Israel, já que traz novos capitais, que, por sua vez, possibilitam a criação de novas empresas e a entrada de novos imigrantes judeus; no entanto, como socialistas, têm que considerar toda rentabilidade como resultado de uma "exploração". O resultado dessa mistura de conceitos é uma contradição permanente: como socialistas, não podem falar de "Estado Judeu" ou de "Maioria Judaica", já que isso daria as boas-vindas à imigração "capitalista", sem a qual é impossível uma importante entrada de imigrantes proletários; como sionistas, eles se burlam dos "puros monistas", dos sionistas não-socialistas, argumentando que sua atuação está em contradição com os princípios proletários. É por isso que muitos deles, cansados deste caos, renunciam completamente ao sionismo, já que dois ideais não podem coexistir, e um ou outro, fatalmente, estará condenado ao desaparecimento.

Consideramos que essa rejeição absoluta da mistura de vários ideais por parte do Betar tenha origem bíblica. A concepção monista do Betar chama-se **דגל אחד** (*Chad-nes* - uma só bandeira). No Betar, não existe um conflito anímico, tudo aquilo que obstruir a constituição do Estado Judeu - trate-se de interesses individuais ou coletivos, de um grupo ou de uma "classe"- se ajoelha perante a bandeira única, o imperativo categórico do ideal absoluto: O Estado Judeu.

Jabotinsky faz uma grande crítica àqueles sionistas que se denominavam também socialistas, afirmando que isso seria tão absurdo quanto "adorar dois deuses". Isso se provou verdadeiro, no caso do grande líder sionista Ber Borochov, que abandonou o sionismo para participar na Revolução Russa em 1917.

O monismo diz que devemos ter apenas uma bandeira: o sionismo. Por esse motivo, nosso hino é o *Hatikva* e nosso símbolo é a *menorá* - fazendo-nos sempre fiéis ao Estado Judeu, à *Medinat Israel*.

## 6) CONSCIÊNCIA SOCIAL (ANTES CONHECIDO COMO “LUTA DE CLASSES”)

A divisão de classes só existe em uma sociedade constituída, mas quando se está ainda no período de colonização, ou seja, nas origens da formação de uma sociedade, as classes não são classes, nem os proletários e tampouco a burguesia. Todos eles são *chalutzim* (pioneiros), a vanguarda, uma engrenagem, na qual, cada uma à sua maneira, tem participação na máquina. Não passam de “peças” no tabuleiro do sionismo. Todos eles participam de um mesmo torneio, nas mãos de um único e supremo jogador. No Betar, rejeitamos a luta de classes em *Medinat Israel*.

Uma diferença entre o Betar e determinadas outras *tnuot* evidencia-se de uma maneira particularíssima em suas atitudes diante da “luta de classes” no lar nacional judaico. A luta de classes consiste em que cada proletário judeu deve se considerar inimigo permanente e irreconciliável do capitalista judeu, mesmo em caso de que este converta seu capital em fábricas e plantações, dando emprego exclusivamente à mão de obra judia. Não obstante que o capitalista aumenta as possibilidades de imigração, contribuindo com a aproximação do momento em que a maioria judaica seja um fato, é, apesar de tudo, um inimigo do proletário judeu; e o proletário judeu deve ter como único objetivo a união dos proletários de todas as nações (no caso concreto do Estado Judeu, com os árabes) para lutar, todos unidos, contra a burguesia de todos os países, isto é, também contra a burguesia judia, sem cuja participação teria sido impossível o surgimento de três quartos da economia judaica em *Eretz Israel*.

Para o Betar, tudo isso não é mais que um rabisco, pior ainda: uma terrível e perigosa mentira. A divisão em classes só existe em uma sociedade “constituída”; mas lá, em que, recentemente, ocorria um período de colonização, ou seja, na própria origem da forja de uma sociedade, reitero: as classes não são classes, os proletários não são proletários e a burguesia não é burguesia. Todos eles são, não mais pioneiros, mas uma vanguarda - da qual cada um, à sua maneira, participa em uma árdua empresa. Não são mais que “peças” no tabuleiro do sionismo; chamem uns de “rei”, outros de “torre”, todos participam do mesmo torneio nas mãos de um único e supremo jogador.

São instrumentos de uma orquestra: cada instrumento tem sua própria partitura, mas todos tocam o mesmo concerto sob a batuta de um só maestro. E o supremo jogador e o supremo maestro são o ideal do Estado Judeu. Ninguém nega que, mesmo em *Eretz Israel*, os interesses privados do trabalhador não são iguais aos do empresário; o primeiro quer ganhar o máximo possível, enquanto o segundo quer pagar o mínimo possível, exatamente como na Itália ou na França.

Em outras palavras: em Israel, acima dos interesses das classes, existe o interesse nacional do Estado Judeu em construção. Em consequência, não deve existir a luta de classes, a qual consiste na ameaça que uma parte faz a outra, arruinando os objetivos.



Esses conflitos devem sempre ser solucionados em Israel mediante outros procedimentos.

O membro do Betar nunca deve se esquecer que deve existir solidariedade entre os assalariados, mas sempre cuidando para que ela não lese a solidariedade superior entre todos os construtores do Estado Judeu. O membro do Betar deve evitar que o operário de Israel tenha algum problema que o impeça de levar uma vida digna e de proporcionar uma educação a seus filhos.

A luta de classes, também no sentido de unir os proletários de todas as nações para uma luta comum contra a burguesia de todos os países, não é mais do que uma falácia no caso de Israel. Lá, cada operário judeu sabe perfeitamente que, em caso de haver um ataque de proletários árabes contra os burgueses de Petach Tikvá, por exemplo, ele, como sionista, deverá defender a propriedade burguesa contra os “irmãos de classe”, já que se trata, antes de tudo, de bens judaicos, que constituem um fator de colonização judia, uma poderosa arma para a formação da maioria judaica, indispensável, por sua vez, para a construção de um Estado Judeu democrático.

**a) Integridade da mão de obra judaica em toda empresa judaica:** pois de outra maneira, essas empresas não teriam razão de existir desde o ponto de vista colonizador, sendo o boicote ao trabalhador judeu o mais grave crime nacional que poderia ser cometido em *Eretz Israel*;

**b) Condições de trabalho dignas para o operário judeu:** do contrário, Israel nunca poderia ser um Estado Judeu.

**c) Rentabilidade normal do capital privado:** do contrário, o capital deixaria de chegar a *[Eretz] Israel*, paralisando a construção do Estado.

**d) Arbitragem nacional obrigatória para todo conflito social que afete a economia judaica e o exílio dos criminosos nacionais:** enquanto a mais forte das organizações hebraicas na Palestina: a *Histadrut HaKlalit shel HaOvdim* (Sindicato Geral dos Trabalhadores ou העובדים הכללית) não reconhecer esses princípios, insistindo em um ponto de vista da luta de classes, os *betarím* trabalhadores na Palestina não se unirão à *Histadrut* e não poderão, portanto, encontrar emprego por meio de seus escritórios.

**e) Criação de uma agência de trabalho neutra integrada:** em pé de igualdade, pelos representantes de todas organizações de mão de obra judaica e dos empresários, presidida por elementos neutros e sob controle do instituto encarregado das funções de arbitragem nacional.

Além disso, as leis sociais do Betar poderiam incluir as חמש המ"מים - *chamesh* (cinco) *meimim*: cinco conceitos que não devem faltar a nenhum judeu nem à sua família, sob nenhuma circunstância:

מורה - **MORÉ** - EDUCAÇÃO

מעון - **MAON** - MORADIA

מזון - **MAZON** - ALIMENTAÇÃO

מלבוש - **MALBOSH** - VESTIMENTA

מרפא - **MARPE** - ASSISTÊNCIA MÉDICA

Jabotinsky faz uma interessante analogia do sionismo com uma orquestra: todos nós temos nossos interesses próprios e nossos papéis, mesmo assim estamos todos tocando a mesma música e sendo regidos por um único maestro, que no caso do sionismo é o (ideal do) Estado Judeu.

Por isso, Jabotinsky se posiciona contra a luta de classes (interesse de um setor determinado) e a favor de um único objetivo: a reconstrução do lar judaico (de interesse nacional, isto é, da nação judaica).

Por esse motivo, Jabotinsky - um ávido crítico da *Histadrut HaOvdim*, a qual defendia apenas os seus próprios interesses, e não os do Estado Judeu - argumenta pela criação de uma nova associação de trabalhadores, neutra, a qual foi criada em 1934 e recebeu o nome de *Histadrut HaOvdim HaLeumit* - הסתדרות העובדים הלאומית ou Associação Nacional dos Trabalhadores.

## 7) LEGIONISMO

O princípio da legião é um dogma inabalável na ideologia do Betar: exige de seus membros e de toda a juventude judaica estar a todo momento apta para sair em defesa de seu povo quando as condições se façam necessárias, para constituir uma nova Legião Judaica. O Betar sustenta que o *chalutz* que não for capacitado para essa tarefa não está pronto para Israel; a educação e formalidade militar são essenciais para o Betar.

Nossos inimigos chamam de “militarismo”. Não há porque se assustar com essa palavra. Houve um tempo em que os primeiros sionistas eram ameaçados por outro termo latino: nacionalismo. Mas eles não se assustaram e replicaram: existem dois tipos de “nacionalismo”. Quando um povo que tem seu próprio território quer conquistar o de seus vizinhos, isso é um mau nacionalismo, mas quando um povo é privado de ter uma terra sob o sol, esse é um nobre nacionalismo, do qual não se deve envergonhar.

Isso também ocorre com o “militarismo”. É um mau militarismo o do Estado que, sem ter sido atacado, começa a se armar para atacar seus pacíficos vizinhos; ao contrário, é um sensato militarismo o que nós judeus praticamos, perseguidos em todas as partes, e que, em *[Eretz] Israel*, corremos o risco de ver destruídas nossas colônias e massacrada nossa comunidade. Nos armamos somente para a defesa de nossas vidas, de nossos bens e do nosso futuro.

A história nos ensina que toda grande colonização suscitou sempre a resistência dos habitantes do país colonizado. Esse é um princípio sem exceções, e o vemos ser cumprido também em Israel. Aquele que admite oposição ao sionismo deve renunciar a colonização de *Eretz Israel*, mas aqueles que sustentam que é legítimo o direito

sagrado do povo judeu sobre seu lar histórico e que é injustificável a resistência dos árabes (povo pouco inferior a quarenta milhões que ocupa um território de extensão equivalente a Europa) devem arcar com as consequências de suas próprias convicções, colaborando com a construção de uma muralha de ferro que torne impossível um ataque destrutivo.

Jabotinsky proclamava: "juventude judaica, aprenda a atirar!" – dando profunda importância para a questão da autodefesa judaica, especialmente a partir dos recorrentes massacres ocorridos na Europa, os *pogroms*, e os assassinatos dos judeus que habitavam *Eretz Israel* pelos árabes locais.

Por isso, o legionismo *betarí* se refere unicamente à defesa de nosso povo. Hoje, o *Tzahal* (צְבָא הַהֲגָנָה לְיִשְׂרָאֵל – as Forças de Defesa de Israel) cumpre bem esse papel: o de defender Israel (daqueles que ainda querem a sua destruição) e os judeus de todo o mundo.

## 8) A DISCIPLINA BETARÍ

O Betar se fundamenta no princípio da disciplina. Nosso objetivo nesse sentido é a criação de uma organização mundial capaz de mobilizar dezenas de milhares de membros em todos os países para a execução simultânea da mesma tarefa. Nossos inimigos nos reprovam, dizendo que isto é "indigno de homens livres", que significa "transformar-se em máquinas". Eu proponho que repliquemos, sem vergonha: "Sim, uma máquina".

A maior perfeição que uma massa de homens livres pode adquirir é trabalhar todos em conjunto com a absoluta precisão de uma "máquina". Isso só é possível com homens livres e um alto nível cultural. Dez mil *Sokols*<sup>5</sup> tchecos formados em uma praça, executando a ordem de seu chefe ao mesmo tempo, evidenciam um grau supremo: a dignidade de um povo livre e civilizado. A orquestra ou o coro em que seus cem participantes obedecem com precisão a um só diretor produz a impressão de uma unidade absoluta e de que seus membros fizeram um esforço máximo. Ninguém os obrigou, a unidade é fruto de sua própria vontade. Aspiramos formar uma "orquestra". O primeiro passo se chama Betar. Ninguém obriga os jovens a entrarem no Betar e, muito menos, a permanecer ali. É sua livre vontade que os leva a convicção de que a mais elevada qualidade da espécie humana é a de poder harmonizar a própria individualidade com as dos demais, na busca de um só objetivo. A libertação do povo judeu começará no preciso instante em que nossa nação aprenda a atuar como uma "máquina". E quando a humanidade tiver aprendido essa arte, isso significará a libertação do mundo.

A disciplina nada mais é do que submeter a massa à direção de um. Isso não implica na submissão de uma vontade estranha. O chefe nada mais é do que o portador de sua própria vontade, seu representante, aquele que você elegeu livremente,

outorgando-lhe o direito de dirigir sua "orquestra". A quinta essência da disciplina do Betar é o monismo. Todos temos que ter a mesma vontade, construiremos juntos o mesmo edifício, obedeceremos ao plano do arquiteto que aceitamos e, enquanto ele segue seu plano, colocaremos os ladrilhos e pregaremos os pregos de acordo com suas ordens.

O "chefe", o "diretor" ou o "arquiteto" pode ser uma pessoa ou um comitê. Ambos os sistemas são igualmente democráticos, contanto que a vontade de dirigir seja um sentimento popular. Na França, governa um comitê (o gabinete); na América, governa uma pessoa (o presidente). Ambas são repúblicas democráticas. O Betar se enquadra no sistema americano, por ser uma combinação de "escola" e "exército", e um só professor e um só comandante dirigem melhor um grupo de alunos e um regimento de soldados. Mas a fonte dessa hierarquia reside exclusivamente na vontade da massa do Betar, pois elegem livremente o condutor do movimento - o chefe do Betar.

Jabotinsky escreveu: "Em quase qualquer conflito entre o reconhecimento do indivíduo e a disciplina coercitiva - eu me posiciono do lado do indivíduo". A disciplina *betarí*, portanto, jamais se refere à disciplina cega, mas sim àquela voluntária, resultante do entendimento de uma necessidade maior.

Ela permite que alcancemos os nossos objetivos de uma maneira mais eficiente. Se alguém quer tirar dez em uma prova, deve se disciplinar para estudar todos os dias, pois, assim, o objetivo - tirar dez - será mais facilmente cumprido. A disciplina também pode ser enxergada como forma de libertação: sem ela, somos escravos de nossos impulsos, de nossos instintos e emoções. Somente com ela somos controlados de fato por nossa mente, por nossas escolhas, não por nosso corpo. Disciplina, por esse prisma, iguala-se a liberdade.

Agora imagine que o Betar precisa movimentar muitas pessoas para um mesmo objetivo. Isso certamente não será uma tarefa fácil, que exigirá, principalmente, muita disciplina para que tudo saia da melhor forma possível. A disciplina, portanto, também garante a eficiência.

Todos devemos atuar como músicos de uma orquestra, devemos saber nossos papéis e agir somente num determinado momento para, no final, alcançar nosso objetivo máximo: o Estado Judeu - conforme a concepção monista.

## 9) HADAR

*Hadar* é uma palavra em hebraico dificilmente traduzida em outra língua: ela combina vários conceitos tais como beleza exterior, respeito, autoestima, boa-educação e fé. A única "tradução" adequada para a vida real deve ser o *betarí* - em seu comportamento, ações, fala e pensamento. Naturalmente, isso não será alcançado em uma única geração. No entanto, o *Hadar* do Betar deve ser encarado como nosso objetivo diário: cada passo, gesto, palavra, ação e pensamento devem sempre ser executados do ponto de vista do *Hadar*.

Se o *Hadar* é importante para todo homem, é duplamente para nós judeus. Todos nós sabemos - frequentemente desaprovamos o fato de que o "judeu comum" não cuida

muito de sua aparência, isso não é uma banalidade, é um problema importante de respeito próprio. O homem deve cuidar de sua higiene pessoal não porque ele teme a reação de seus companheiros, mas por respeito próprio. Ele deve se acostumar a falar e gesticular de acordo com a sua "majestosidade", um judeu especialmente. Se a expressão "aristocrata" tem algum significado seria este: é alguém cujos pais, avôs, bisavôs e assim em diante, por muitas gerações, são homens de "cultura"; homens que não estavam apenas vivos, mas eram capazes de pensar ideias nobres e viver de acordo com seus grandes ideais. Se esse é tal caso, nós judeus somos o povo mais "aristocrático" do mundo. Até mesmo as dinastias mais antigas não têm mais que vinte ou trinta gerações de cultura. Além disso, alguns eram, no começo, medievais, meio-selvagens ou ladrões. Os judeus, entretanto, têm setenta gerações de homens no passado; homens que poderiam ler e escrever; homens que estudaram história e discutiram ideias sobre justiça, problemas humanos e futuro até mesmo com *HaShem*. Assim sendo, todo judeu é um "príncipe", e a mais amarga das piadas que a diáspora contou sobre nós é que os judeus são considerados um povo sem terra.

Apenas o ignorante pode pensar que o *Hadar* é uma questão pessoal ou de família. Todos nós sabemos que reagimos diferente diante de um selvagem e de um príncipe, mesmo os dois se vestindo com farrapos e sendo camponeses na floresta. Se nós judeus agíssemos corretamente, provavelmente os antissemitas nos odiariam da mesma maneira, mas seria uma mistura de ódio e respeito, e nossa situação no mundo seria diferente do que é. Para cumprir os objetivos do sionismo, um modo de vida prazeroso nos ajudaria imensamente; um pateta que grita, empurra e não tem senso de ordem é incapaz de criar uma impressão de liderança. Por outro lado, um grupo cujos membros são homens de cultura pode ver seus inimigos dizendo: "Sim, esta é uma nação, este povo pode construir um Estado".

Um bom modo de ensinar o *Hadar* é por meio da disciplina *betarí*, mas só isso não é suficiente. Todos devem examinar e medir seus hábitos pessoais. O *Hadar* consiste em milhares de banalidades que juntas formam a vida cotidiana: comer com a boca fechada, não colocar os cotovelos na mesa, não comer sopa ruidosamente, não ocupar toda a calçada ao caminhar com os amigos, dar lugar para as damas, a um idoso, a uma criança, a qualquer um - seja ele grosseiro ou não, não seja você mesmo. Todas essas, assim como uma lista interminável de outras bagatelas fazem o *Hadar Betarí*. Mais importante ainda é o *Hadar* moral. Você deve ser generoso, não barganhar sobre trivialidades, ao contrário, você deve dar algo em vez de discutir com outra pessoa. Cada palavra deve ser uma "palavra de honra", esta [última] deve ser mais poderosa que aço. Chegará um momento em que, quando um judeu desejar expressar sua apreciação sobre a honestidade, cortesia e estima, ele não dirá: "ele é um cavalheiro!", mas sim "ele é um *betarí*!".

O mantra da filosofia de Jabotinsky baseia-se na concepção de que "cada indivíduo é um rei". Essa frase traz consigo dois valores naturais: a liberdade e a igualdade. O primeiro porque nada está acima do rei, portanto, a liberdade é essencial do homem; o segundo porque se todos são reis, todos estão em um mesmo nível de igualdade. O *Hadar* é, portanto, a representação dessa majestosidade inata e inalienável de cada ser humano, judeu e *betarí*.

O *Hadar* é uma forma de vida que deve levar o *betarí*. Não é algo teórico, é algo totalmente prático. Ao contrário do que se pode imaginar, o *Hadar* não consiste em grandes proezas e realizações importantes, mas sim, como escreveu Jabotinsky, "banalidades". O *Hadar* está nos pequenos atos, na atitude, na postura, coisas que passam despercebidas pela maioria das pessoas, mas devem ser muito bem calculados para nos tornarmos seres humanos melhores.

Sobre o *Hadar*, Jabotinsky discorreu em uma carta - originalmente escrita em hebraico - para os cadetes da Escola Naval do Betar, em Civitavecchia, na Itália, em 20 de novembro de 1934:

*Betarím:*

*O passo que vocês estão dando, ao ir para a Escola Naval de Civitavecchia, terá muita importância. Se para o bem ou para mal, isso dependerá de vocês. Se conseguirem fazer-se queridos pelos diretores, professores e alunos italianos da escola, pavimentarão um novo caminho de desenvolvimento para nosso povo, que nos guiará, no futuro, para uma posição decisiva no porto e no mar. Mas se não triunfarem, podem chegar à conclusão de que criarão uma nova fonte de ódio racial em um país que, até agora, não sofria dessa doença.*

*Isso depende de vocês, o segredo do êxito depende do princípio que aprenderam no Betar: o *Hadar*. Lá, em Civitavecchia, passarão por provas que lhes demonstrará se aprenderam o *Hadar*, não somente na teoria, senão também na prática, na realidade.*

*O significado do *Hadar* é, antes de tudo, tato. Não se esqueçam, dia e noite, em todo o momento, de que vocês são hóspedes da escola, da cidade e do país. Sejam nobres!!! Não peguem o primeiro banco, mesmo que lhes ofereçam. Estudem bem o idioma italiano, mas não se coloquem em posição de homem pobre que pede ajuda ao Estado. Se não tem suficiente dinheiro, é melhor que abandonem a escola, porque a honra do nosso povo é mais importante que suas carreiras.*

*Aprendam a falar devagar na escola, na rua e também em suas reuniões; até em vossos quartos, para não perturbar a paz das pessoas e da cidade. Quando caminharem pelos corredores da escola ou pelas ruas da cidade, andem em duplas ou em trio, para não impedir o caminho das pessoas da localidade.*

*Em todos os minutos de vossa vida, deveis observar o preceito da limpeza pessoal e a prolixidade de sua roupa. Todas as manhãs deverão se barbear e olhar suas unhas e cuidar que estejam limpas. Quando trabalhem, seus rostos, mãos, ouvidos e roupas deverão estar limpas e impecáveis. Recordem que cada mancha é uma mancha para o Betar e para todo o povo judeu. Na escola, aprendam a trabalhar com aplicação e diligência. Ajudem a seus amigos italianos em tudo o que puderem. Não intervenham em nenhuma discussão de partidos concernentes à Itália. Não expressem nenhuma opinião sobre a política da Itália. Não critiquem o regime italiano atual e nem o anterior. Se lhes perguntam vossas ideias sociais e políticas respondam: "Sou sionista. Meu maior desejo é o Estado Judeu, e, em nosso país, eu me oponho aos conflitos de classe. Essa é toda minha fé".*

*Ponho em vossas mãos a honra do Betar em uma frente muito importante e estou seguro que saberão defendê-lo. Vocês são *betarím*!*

*Tel Chai!*

## 10) MOBILIZAÇÃO

A palavra mobilização tem para o Betar dois significados. O primeiro e mais importante é, quando chegue o tempo, formar uma nova legião judaica. O segundo, permanente: ao chegar a Israel, cada membro do Betar está obrigado, conforme nossos estatutos, a se considerar em estado de mobilização durante dois anos,<sup>6</sup> isto é, às ordens da diretoria do Betar, aceitar qualquer classe de trabalho, seja qual forem as condições.

Esse princípio é muito importante. Atualmente, quando a imigração a Israel perdeu parte do seu significado, e muitos que não são sionistas trataram de se “refugiar” em Israel, sem interesse pelos ideais nacionais, se perdeu a diferença entre *chalutz* e fugitivo. O Betar discorda desta confusão. Ir a Israel como *chalutz* é, para nós, uma façanha, um sacrifício pela causa do povo e não um caminho para a salvação pessoal. Por essa razão, impomos ao membro do Betar, durante os dois primeiros anos, que ele se esqueça de seus interesses individuais. Ele deverá fazer o que for necessário para a construção do Estado Judeu. É isso que fazem nossos jovens, membros das colônias judias, organizados em brigadas de trabalho.

Esse é um dever para nossos membros: os que não quiserem se submeter a mobilização bienal, não podem receber a *teudat oleh* - certificado de imigrante - do Betar. É conveniente também que aqueles que nasceram e se criaram em Israel se juntem ao processo de mobilização e formem parte da brigada de trabalho. Naturalmente, o membro do Betar que queira permanecer mobilizado por mais de dois anos ganhará nossa estima especial. “Teus dois primeiros anos em Israel não te pertencem, pertencem ao Estado Judeu.”

No primeiro Congresso de Chefes do Betar (Viena, 1928), foi decidido que os uniformes do Betar e, em particular, as camisas pardas [*usadas por eles desde 1924, quando nem se falava ainda em movimento nazista*] seriam fabricados em tecido de [*Eretz*] Israel, o que infelizmente não foi cumprido. Será missão do Betar de todos os países executar, em um futuro próximo, essa resolução e, em geral, estimular de alguma maneira a produção em Israel.

A “produção palestina para a diáspora” é, para o Betar, um dos tantos meios para intensificar a colonização, senão o mais importante - quase um “sinônimo” de colonização. Pelo simples fato de construir uma fábrica ou de plantar um laranjal, um judeu não merece a designação de “colonizador”; não é impossível que amanhã fracasse a sua fábrica ou acabe seu laranjal, e ele tenha que abandonar o país. Ele só pode se considerar morador de Israel no instante em que coloca seus produtos, em que deixa de ser turista para se converter em um colonizador. O sucesso de uma colonização não depende da quantidade de terrenos, nem do número de edifícios construídos. O êxito, antes de tudo, depende dos mercados que absorvem a produção,

sejam eles externos ou internos. Nesse sentido, poderíamos afirmar que a colonização se fortalece não tanto onde se estabelecem os imigrantes, e sim onde comercializam seus produtos. Expandir a produção palestina [referente ao Mandato Britânico da Palestina] significa participar diretamente da colonização e tem quase que um valor idêntico à imigração a Israel.

Quando o Betar está em condições de empreender a tarefa de “produção palestina para a diáspora”, os gestores se chamarão “os pioneiros da produção”. O que ajuda a vender no exterior os produtos dos colonizadores de [Eretz] Israel é tão colonizador quanto eles. Essa é uma tarefa da qual o Betar pode conseguir os maiores serviços. O comércio moderno se baseia na propaganda. O comercial é essencial para a produção palestina porque, nos grandes centros urbanos, os judeus vivem dispersos, dificultando o estabelecimento de um maior número de negócios para a venda desses produtos.

A propaganda impressa é cara. É necessário que tanto o comercial como o transporte dos artigos ao consumidor sejam realizados por voluntários. Essa seria a tarefa dos *chalutzim* da produção: ir de casa em casa com preços e amostras. É uma tarefa árdua, mas vale a pena. A criação de mercados para a produção palestina tem importância decisiva para a colonização de qualquer ação em prol de instituições financeiras do sionismo; é um trabalho mediante o qual as seções do Betar podem favorecer o crescimento de fábricas, as plantações e a mão de obra de [Eretz] Israel; colaboração que não é uma coleção de presentes, senão o desenvolvimento de rentabilidade comercial.

O Betar estima que todos os seus membros devem estar aptos e dispostos a responder a qualquer chamada da pátria. O *betarí* deve esquecer qualquer tipo de barreira ou dificuldade para participar da criação ou melhoramento de [Eretz] Israel. Esse ponto tem como fim fundamental a realização do ideal sionista. É muito importante não encarar a ideologia *betarí* como dez pontos abstratos, [já que] a ideologia *betarí* é um mundo que ensina a pensar, é uma filosofia de vida e uma forma de encarar a problemática judaica em toda a sua época. A ideologia *betarí* não é estática, é dinâmica porque quando mudam as circunstâncias, ela se adapta.

Sobre o primeiro ponto relativo à mobilização (os dois anos de *sherut*), cabe enfatizar que Jabotinsky estava primeiramente preocupado com o fato de que as regiões desertas de Eretz Israel continuariam assim, e a maioria das pessoas iria para as grandes cidades já estabelecidas, como Tel Aviv; portanto, os *betarím* seriam “mobilizados” por dois anos para criarem novos assentamentos.

Além disso, Jabotinsky faz uma crítica à visão de Herzl, que via o Estado Judeu apenas como refúgio para os judeus. Jabotinsky, por sua vez, entende que o papel do lar nacional judaico é muito mais que ser apenas um refúgio, pois escreve que de “Israel sairá a lei” e que Israel será “uma luz para as nações”, um Estado exemplo para todo o mundo nas questões éticas, políticas, religiosas e econômicas (conforme seu discurso proferido em Varsóvia, em 1936, já referenciado no ponto ideológico “Estado Judeu e Democrático”).

Sobre a questão da ética da colonização judaica, Jabotinsky escreveu:<sup>7</sup>



*Justiça significa que todos recebem o que merecem; especialmente aqueles que não têm nada receberão pelo menos alguma coisa: por exemplo, uma nação que se tornou apátrida deve receber um país próprio. Também nós, judeus, somos candidatos a essa forma de justiça tanto quanto as outras. Enquanto não obtivermos o que merecemos, o mundo está de fato perpetrando uma injustiça, embora as necessidades dos outros tenham sido satisfeitas. Tudo o que impede a realização das nossas justas exigências é uma injustiça por princípio, mesmo que, de longe, pareça uma canção de liberdade e soe como a "Marseillaise". Uma das duas: se o sionismo é injusto, deixemo-lo de lado e basta! [suficiente], mas se for justo e a demanda legítima, aquele grande gasto de território, cujo tamanho é de metade do da Europa, com 37 milhões de habitantes falando árabe (a raça mais rica em área do mundo), que, dessa abundância inexplorada, uma porção (1/170), chamada Eretz Israel, seja dada a uma nação de trabalhadores que não possui nem uma pedra própria no mundo inteiro. Se a nossa demanda for correta, então qualquer coisa que ameace sua implementação perde o direito de se disfarçar com fraseologia elevada, como "autodeterminação" ou "liberdade". Seu verdadeiro nome não é outro senão – criminoso.*



Cartaz dando as boas-vindas a Ze'ev Jabotinsky em Eretz Israel, enfatizando sua criação: a Legião Judaica.

# O NEDER

Além dos dez pontos, a ideologia *betarí* inclui também sete pilares - *Tzionut, Chad-nes, Ivrit, Sherut, Maguen, Hadar e Tziut* - encontrados no *Shir HaNeder* e no *HaNeder HaBeitarí*. O primeiro é um poema que, nas suas setes estrofes, em uma linguagem precisa e poética, abrange os sete princípios básicos da filosofia *jabotinskiana*. Ele foi escrito pelo próprio Ze'ev como base de apoio ao futuro *HaNeder HaBeitarí* (O Juramento do *Betarí*). Este foi aprovado um ano depois, em 1935, no segundo *Kinus Olamí* (Congresso Mundial), em Cracóvia, e posteriormente alterado, em 1938, por uma iniciativa de Menachem Begin e Avraham Stern.

## הנדר הבית"רי - HANEDER HABEITARÍ - O JURAMENTO DO BETARÍ

א - אני מקדיש את חיי לתחית המדינה העברית ברוב תושבים עבריים על שתי גדות הירדן קדמה וימה.  
1 - *Ani makdish et chaiai litchiat hamedina haivirit, berov toshavim ivriim al shtei guedot haiarden kedma veiyama.*

Sacrificarei minha vida para o surgimento do Estado Judeu, com maioria da população judaica em ambas as margens do Jordão, a oriente e a ocidente.

ב - לתועלת הבנין הממלכתי הזה אשעבד את תועלתי אני, את תועלת ביתי, את תועלת מעמדי.  
2 - *Letoelet habinian amamlachti eshaved et toaltí ani, et toelet beiti, et toelet maamdi.*

Em prol desta obra nacional, oferecerei meu benefício, o benefício de minha casa e o benefício de minha classe.

ג - השפה העברית תהא שפתי ושפת בני אם בארץ ואם בגולה.  
3 - *Hasafá haivrit tie sfati usfat benei im baaretz vê im bagolá.*

O idioma hebreu será minha língua e de meus filhos na Terra de Israel ou na diáspora.

ד - אכין זרועי להגנת עמי ולכיבוש מולדתי.  
4 - *Achin zroai lehaganat ami u le'kibush moladeti.*

Prepararei meu braço para a defesa do meu povo e da conquista da minha terra natal.

ה - שאוף אשאף להדר בכל הרהורי, בכל ניבי שפתי, בכל מעשי כי בן-מלכים אנוכי.  
5 - *Shauf ishaf lehadar bechol erurai, bechol nibeí sfati, bechol maassei ki ben melachim anochi.*

Aspirarei ao Hadar em todos os meus reclames, em todas as frases de meus lábios, em meus atos, porque filho de rei eu sou.

ו - לקראת הגיוס הבית"רי אם ללגיון ואם לעמל, אם לעליה ציונה ואם לשרות בגולה, אם מקרוב ואם ממרחקים  
אבוא

6 - *Likrat haguius habetarí im la leguion ve im lamal, im laaliá tziona vê im lesherut bagolá, im mekarov vê im memerchakim avo.*

Para a mobilização *betarí*, para a legião ou para o trabalho, para aliá a Sion ou para o serviço na diáspora, de perto ou de longe virei.

ז- אשמע לחוקי בית"ר ולצוי מפקדיה כשמוע בן-אדם לקול מצפוני כי חוקת בית"ר היא הד למשאת נפשי, ומפקדיה הם שליחי

7 - *Eshma lê chukei Betar u lê tzavei mefakdea, kêshmoa ben adam lêkol matzpuno, ki chukat Betar hi ed lêmasaat nafshi uh mefakdea hem shlichai.*

Escutarei as leis do Betar e as ordens de meus chefes como um homem escuta a voz da sua consciência, porque as leis do Betar são o eco do comportamento de minha alma, e seus chefes são meus representantes.

ואת הנדר הזה בשבע מצוותיו, אשר על כל אחת מהן הרהרתי והחלטתי, הנני נודר מתוך הכרת אחריות.  
*Ve'et haneder haze besheva mitzvotai, esher al col echat mí'en irarti veichlateti, ineni noder mí'toch acarat achraiut.*

E este juramento em sete mandamentos, sobre cada qual ponderei e decidi, eu prometo desde um senso de responsabilidade.

# SÍMBOLOS DO BETAR

O que é um símbolo? No dicionário<sup>8</sup> encontramos as seguintes definições:

1. Aquilo que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo.
2. Palavra ou imagem que designa outro objeto ou qualidade por ter com esses uma relação de semelhança; alegoria, comparação, metáfora.
3. Pessoa ou personagem que se torna representativa de determinado comportamento ou atividade.

Isso, porém, não nos interessa muito. Basta saber que um símbolo é um objeto, imagem ou até uma pessoa que nos faz lembrar de algo. Ter um símbolo é muito importante. Quando passamos em frente a um shopping, por exemplo, e vemos um M amarelo - conforme o símbolo da rede *McDonald's* - nos lembramos imediatamente da lanchonete.

O mesmo acontece dentro do Betar: acumulamos muitos símbolos ao longo da nossa história, alguns são mais conhecidos (como a *menorá* ou a *tilboshet*) e outros dos quais muitos de vocês nunca ouviram falar (como a *Teudat Betar*).

**דגל ישראל | *Deguel Israel* (Bandeira de Israel):** nossa única bandeira, criada como bandeira do movimento sionista e adotada na criação de *Medinat Israel*. Composta pelas duas listras azuis, o fundo branco e a *Maguen David* (também azul) centralizada.



**התקווה | *Hatikva* (A Esperança):** Hino de *Medinat Israel* e do Betar. Escrito em 1878 por Naftali Herz Imber e musicalizado em 1888 por Samuel Cohen.

**שיר בית"ר | *Shir Betar* (Música do Betar):** Poesia escrita por Ze'ev Jabotinsky, em Paris, em 1932, na qual está expressa (em seus versos e também nas entrelinhas) a ideologia do Betar, por meio de seus dez pontos fundamentais. A música foi composta por Dov Frenkel.

**מנורה | Menorá** - 1. Candelabro de sete braços. 2. Representa a identidade e unidade do povo judeu ao longo da História. 3. Símbolo do Betar e do brasão de *Medinat Israel*. 4. Simboliza os arbustos em chamas que Moshé viu no *Har Sinai* e a luz que nunca se apaga, ou seja, a existência de *HaShem*. 5. Dá forma à disposição das cadeiras da *Knesset*.



**תל חי | Tel Chai** - Cumprimento tradicional dos *betarím*. Lembra a importante fortaleza de Tel Chai, em que caiu Yossef Trumpeldor e onde, atualmente, se encontra o leão de Tel Chai.

**עברית | Ivrit (Hebraico)** - 1. Quarto ponto ideológico do Betar 2. Terceiro pilar do *HaNeder HaBeitarí*. 3. Língua oficial de *Medinat Israel* e do povo judeu, é o idioma que nos une como nação. Ao longo do tempo, o hebraico foi passando por mudanças, já que sua versão bíblica era muito complicada. Por isso, um judeu chamado Eliezer Ben Yehuda, ao final do século XIX, fez uma reinvenção do hebraico antigo (então defasado), transformando-o no idioma que hoje temos como padrão. Deve ser aprendido por todo *betarí*. Exatamente por isso, muitas palavras do nosso vocabulário diário na *tnuá* são em hebraico (ex. *maoz, madrich, chanich, cheder* etc.).

**Símbolo do Etzel (אצ"ל - הארגון הצבאי הלאומי בארץ ישראל | Irgun Tzvai Leumi BeEretz Israel - Organização Militar Nacional na Terra de Israel):** trata-se de um mapa do Mandato Britânico da Palestina (antes da sua cisão e, portanto, incluindo ambas as margens do Rio Jordão) atravessado por um fuzil e uma pá; símbolos do trabalho e da luta. O Etzel representa o braço militar do sionismo revisionista de Jabotinsky.



**תלבושת | *Tilboshet* (uniforme)** - Vestimenta com a qual trabalhamos no Betar e o representamos. Camisa que se conquista pela sua identificação, sua proatividade, seu comprometimento, sua educação e o seu exemplo pessoal dentro do Betar. Estabelece um grau mútuo de igualdade e hierarquia. Antigamente, em uma era repleta de formalidades, era formado por camisa e calça azul, cinto, gravata e chapéu. Atualmente, já em uma realidade moderna, o uniforme do Betar é composto somente por uma camisa abotoada azul, logrando a transmissão de seu espírito tradicional *hadárico*. A roupagem complementar à eclética *tilboshet* varia segundo o contexto no qual a vestimenta estiver sendo utilizada.



**מסדר | *Misdar* (ordem)** - Representa a união, o respeito e a disciplina. É um dos momentos de maior importância dentro da *tnuá*, em que todos os seus integrantes reúnem-se em uma formação semelhante a da letra *chet* (ח) e são conduzidos por um membro da *Hanagá* - geralmente o *Mefaked Maoz* - ou um *madrich*). Normalmente, é realizado no final dos sábados, nas manhãs de *machanot* e em outras ocasiões especiais. Em tal circunstância, passamos recados, informações e *feedbacks* do que acontece na *tnuá*. É de extrema importância que se mantenha a ordem durante o *misdar*.



**תעודת בית"ר | Teudat Betar (Certificado do Betar):** certificado que se costumava outorgar aos *betarím* uma vez por ano como atestado de sua militância na *tnuá* ou como reconhecimento de seu trabalho. Na *teudá*, encontram-se os sete pilares do *Neder*.



**דרגה | Dargá (classificação ou rank):** 1. Patente militar 2. Posicionamento hierárquico que costumava-se aplicar conforme a participação de um *betarí* em diferentes marcos da *tnuá* (como cursos e seminários).

**אריה | Arieih (Leão)** - 1. Referência animal da tribo de Yehudá. 2. Símbolo de *Hadar*, por conta de sua realeza e majestosidade natural - o Rei da Selva - e de *Tagar*, por conta de sua ferocidade e bravura. 3. Símbolo da capital do povo judeu, Jerusalém. 4. Animal análogo a Yossef Trumpeldor e à fortaleza Tel Chai.



**מעו"ז | Maoz (Sede do betar)** - acrônimo para "*Maon Ze'ev*" (a casa de Ze'ev - em referência ao nome em hebraico do *Rosh Betar*) dado às sedes do Betar. A palavra *ze'ev* significa lobo, o qual era também o símbolo da tribo de Binyamin. No Brasil, existem três: *Maoz Shlomo Ben Yossef* (Porto Alegre), *Maoz Bar Kochvá* (Rio de Janeiro) e *Maoz Menachem Begin* (São Paulo).

**שתי גדות לירדן | Shteí Guedot LaYarden (Duas Margens do [Rio] Jordão)** – Simbolismo *betarí* herdado do respaldo territorial do antigo Sionismo Revisionista, que buscava um Estado Judeu em *Eretz Israel* em ambas as margens do Rio Jordão, conforme prometido aos judeus na Declaração Balfour (1917) e ratificado internacionalmente na conferência de San Remo (1920). Essa crença prática deixou de ser adotada no Betar. Hoje, utilizamos o *shteí guedot* apenas como símbolo para manutenção das nossas tradições sionistas revisionistas, ilustrado, por exemplo, nas duas linhas brancas presentes na *tilboshet betarí*, e também como uma forma de honrar a memória de todos os judeus que morreram na tentativa de estabelecer o lar nacional judaico nesses territórios. O Vale do Jordão foi conquistado dos otomanos em 1918 por Jabotinsky e sua Legião Judaica, lutando, nesse então, pelos britânicos.





# BETAR, HADAR E TAGAR

**Betar, Hadar e Tagar:** são os três maiores princípios do *Brit HaNoar Halvri Al Shem Yossef Trumpeldor*. **Betar** remete à identidade e à história da nossa *tnuá*: a transição da antiga geração dos judeus para a nova, conforme idealizado por Jabotinsky e Trumpeldor. **Hadar** é o valor universal de respeito, orgulho e majestuosidade – tanto por si mesmo, quanto pelos outros. **Tagar** é o valor universal da tenacidade e responsabilidade de lutar pelo o que é certo, independentemente das adversidades e oposições.

## SHIR BETAR

Betar

Do abismo de podridão e cinzas  
Com sangue e suor  
Surgirá uma geração  
Orgulhosa, generosa e cruel  
Betar a conquistada, Iodefet, Masada  
Se levantará novamente com força e hadar

Hadar

Mesmo na pobreza o judeu é um príncipe  
Escravo ou mendigo  
Você foi criado como um filho de rei  
Coroado com o diadema de David  
Na luz ou na escuridão  
Lembre-se sempre da coroa  
A coroa do orgulho e Tagar

Tagar

Através de todos os obstáculos e limites  
Se ascendes ou descendes  
Nas chamas da revolta  
Leve a chama para acender  
Não importa  
Pois calar é barro  
Sacrifique seu sangue e alma  
Pelo bem da glória oculta

Morrer ou conquistar a montanha  
Iodefet, Masada, Betar

Betar

Migov ricabon ve afar  
Vadam uvaieza  
lukam Lanu gueza  
Gaon venadiv ve achsar  
Betar hanilkalda, Iodefet, Masada  
Taromna veoz ve-Hadar.

Hadar

lvri gam beoni ben sar  
Im eved im elech  
Notzarta ben melech  
Beketer David neetar  
Baor ubaseter  
Zachor et haketer  
Ateret gaon ve-Tagar

Tagar

Al kol maatzor umeitzar  
Im taal oteret  
Ve lahav hameter  
Sa esh lehazit,  
Ein Davar  
Ki sheket uh refresh  
Hafker dam vanefesh  
Lemaan haod hanistar

Lamut oh Lichbosh et haar  
Iodefet, Masada, Betar

בֵּית"ר -

מִגְבַּב רִקְבוֹן וְעֶפֶר  
בְּדָם וּבִזְע  
יִקָּוּם לְנוֹ גֵּזֶעַ  
גָּאוֹן וְנִדְיָב וְאַכְזָר,  
בֵּיתֵר הַנִּלְכָּדָה,  
יִוֹדְפֵת, מַסָּדָה,  
תְּרֹמְנָה בְּעֵז וְהֵדָר.

הֵדָר -

עֲבָרִי גַם בְּעֵנֵי בֶן-שָׂר,  
אִם עֶבֶד, אִם הֶלֶךְ -  
נוֹצְרָתִי, בֶן-מֶלֶךְ  
בְּכֶתֶר דָּוִד נְעֻטָּר.  
בְּאוֹר וּבִסְתֵר  
זָכַר אֶת הַכֶּתֶר -  
עֲטָרַת גָּאוֹן וְתִגָּר.

תִּגָּר -

עַל כָּל מַעְצוֹר וּמְצָר!  
אִם תֵּעַל אוֹ תִרְד -  
בְּלֶהֱב הַמֶּדֶד  
שָׂא אֵשׁ לְהִצִּיתִי, אִין דְּבַר:  
כִּי שֶׁקֶט הוּא רֶפֶשׁ,  
הַפְּקָר דָּם וְנֶפֶשׁ  
לְמַעַן הַיּוֹד הַנִּסְתָּר!

לְמוֹת אוֹ לְכַבֵּשׁ אֶת הָהָר  
יִוֹדְפֵת, מַסָּדָה, בֵּיתֵר.

# HATIKVA

Enquanto no fundo do coração  
Palpitar uma alma judaica,  
E em direção ao Oriente  
O olhar voltar-se a Sião,

Nossa esperança ainda não está perdida,  
Esperança de dois mil anos:  
De ser um povo livre em nossa terra,  
A terra de Sião e Jerusalém. (2x)

Kol od balevav penimah  
Nefesh yehudi homiyah,  
Ulfaatei mizrach kadimah  
Ayin letzion tzofiyah.

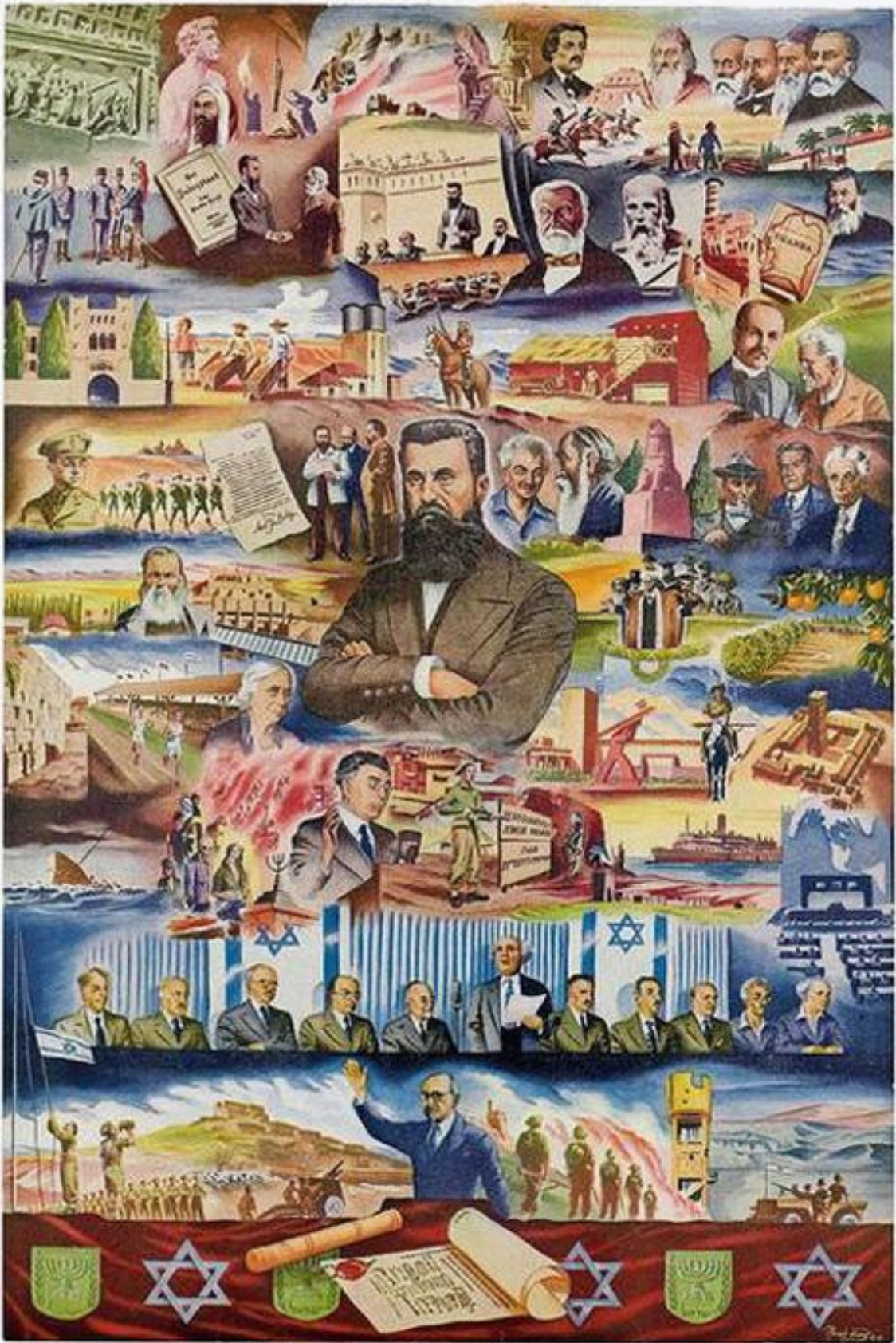
Od lo avdah tikvatenu  
Hatikvah bat shnot alpayim,  
Lihiyot am chofshi beartzeinu,  
Eretz tzion vi'yerushalayim. (2x)

כל עוד בלבב פְּנִימָה  
נֶפֶשׁ יְהוּדֵי הוֹמִיָּה,  
וּלְפָאֵתִי מִזְרַח קְדִימָה,  
עַיִן לְצִיּוֹן צוֹפִיָּה;

עוד לא אבדה תקוותנו,  
התקוה בת שנות אלפים,  
להיות עם חפשי בארצנו,  
ארץ ציון וירושלים (2x)

# REFERÊNCIAS

1. Trecho retirado do livro *The Political and Social Philosophy of Ze'ev Jabotinsky: Selected Writings*, páginas 8-9, ISBN: 978-0-85-303359-2, e traduzido para o português por Juliana Katz e Theodor Fuchs.
2. Trecho retirado do livro *The Jewish War Front, 1940*, ISBN-13: 978-0-83-712638-8, e traduzido ao português por Juliana Katz e Theodor Aaron Fuchs.
3. Trecho retirado do livro *The Political and Social Philosophy of Ze'ev Jabotinsky: Selected Writings*, capítulo *The Hebrew Language*, páginas 18-27, ISBN: 978-0-85-303359-2, e traduzido para o português por Juliana Katz e Beatriz Blank.
4. Para saber mais, acesse: <http://www.histadrut.org/>.
5. O movimento Sokol é uma organização de ginástica para todas as idades fundada em Praga na região tcheca da Áustria-Hungria em 1862 por Miroslav Tyrš e Jindřich Fügner.
6. Conforme o princípio de *Sherut* do *Shir HaNeder*, votado no primeiro *Kinus Olami* do Betar, em 1929, em Gdansk, na Polônia
7. O trecho foi retirado do livro *The Political and Social Philosophy of Ze'ev Jabotinsky: Selected Writings*, página 96, ISBN: 978-0-85-303359-2, e traduzido ao português por Juliana Katz e Theodor Aaron Fuchs. O texto original foi escrito em iídiche, *Noch a moll der Parliament*, no jornal polaco *Haint*, em 8 de julho de 1927.
8. Definições de *Oxford Languages*.



**תל חי!**

# O BETAR

## A CHOVERET INTRODUTÓRIA



BETAR BRASIL  
2020